

MAGRUDO

O que sobrou da Mata Atlântica: quase nada.

Ela já teve mais de 1 milhão de quilômetros quadrados. Hoje, tem pouco mais de 271 mil. O que resta está no Atlas dos Remanescentes Florestais. (Ao lado, o litoral Norte: Ilhabela e São Sebastião.)



Os dados reunidos no Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica, lançado semana passada, confirmam que a devastação não poupa nenhum Estado, em nossa costa oriental. Da área original de 1.085.544 km², do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul, restam apenas 271.162 km², desprezíveis 8,8% da formação original.

A ação destruidora do homem foi rápida. Bastaram, no caso da Mata Atlântica, pouco mais de quatro séculos para arrasar um ecossistema que exigiu milhões de anos para se cristalizar. Nem mesmo o despertar de uma consciência ambiental, nos últimos tempos, alterou o curso dos fatos. A União Internacional para a Conservação da Natureza informa por exemplo

que as florestas tropicais são destruídas no ritmo de um campo de futebol por segundo. Nessa sinistra disputa, a Mata Atlântica é líder absoluta, ao lado da Floresta de Madagascar, na África. Trata-se, segundo a entidade, do mais sério problema de meio ambiente, pois resultará, até o ano 2.000, na extinção completa de 1 milhão de espécies vivas.

A Fundação SOS

A Fundação SOS Mata Atlântica foi criada em 1986 com um objetivo claro: frear a destruição dessa reserva que inclui as serras do Mar e Mantiqueira, e passa por dez Capitais. Com recursos limitados (50% fornecidos por fundações e governos de outros países; 20% por empresas nacionais; 20% através do licenciamento de sua marca para camisetas; e 10% por doa-

ções de pessoas físicas), a Fundação SOS opera com uma reduzida equipe de 20 pessoas. Mesmo assim, oferece aquele que já é considerado como o mais abrangente retrato já produzido sobre a Mata Atlântica.

O trabalho do Ibama

Cabe ao Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis) fiscalizar oficialmente e regulamentar a ocupação da Mata Atlântica. No dia 4 de maio do ano passado, o Ibama baixou portaria disciplinando a exploração das florestas da área. Como medida de preservação, considerou domínio da Mata Atlântica uma faixa de 150 km, a partir da costa. O Atlas recém-organizado mudou a informação: a Mata Atlântica penetra bem mais que os 150 km. imaginados pelo Ibama.

Veja onde o verde ainda resiste

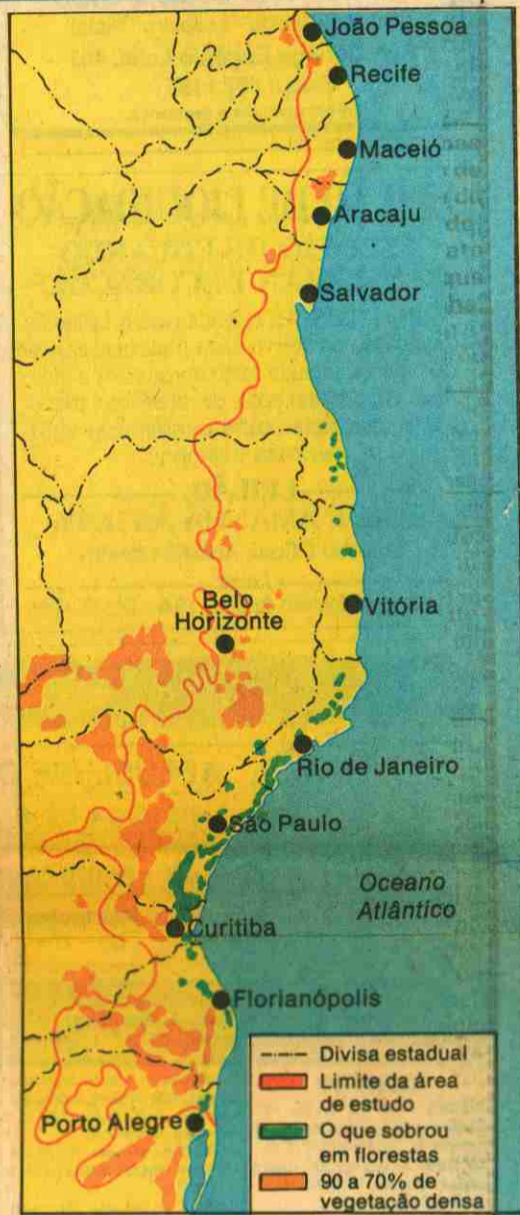
As duas áreas da Mata Atlântica consideradas extremamente críticas são as de São Paulo — em seus mangues proliferam todas as espécies de vida marinha — e o sul da Bahia — por ter pouquíssimos remanescentes florestais. Áreas críticas porque uma tem que ser preservada a qualquer custo e a outra recuperada. Mas, em outros Estados, uma rápida análise revelará também a necessidade de cuidados vitais.

No Rio Grande do Norte, a região da Mata está quase totalmente dizimada, restando apenas 1.296 Km² de remanescentes florestais de baixa densidade, ou seja, de vegetação rala. A destruição começou com a extração do pau-brasil, há quatro séculos. Depois, vieram os canaviais e a especulação imobiliária. Hoje, o pau-brasil é uma raridade, como o pau-ferro, o pau-santo e pau-marfim. Mas também são raros os animais como o cervo, jacu, ferreiro e a preguiça. Os rios do Rio Grande do Norte são o local de despejo do vinho, sub-produto do álcool. Para produzir 90 mil litros de álcool por dia uma usina joga nos mananciais 1.200 litros de vinho por dia. O Estado tem 95% de seu território no chamado "polígono da seca". Na Paraíba, a expansão das lavouras do café foi a principal causa da destruição da Mata Atlântica. O que resta é pouco e é nesse pequeno pedaço que vive o mono carvoeiro, o maior macaco do continente americano, que os cientistas supunham estar extinto. Na Paraíba, restam 690Km² de remanescentes florestais, mangues e restingas. A Organização Mundial de Saúde calcula que, para aquele Estado, a vegetação deveria ocupar uma área de 11.274 Km² — número que é uma utopia, mesmo somando-se o restante do verde fora da área da Mata Atlântica.

Bahia, estado crítico

Com exceção de duas áreas conservadas — o Parque Nacional do Monte Pascoal e a Reserva Biológica do Una — a Bahia é palco de desmatamentos desenfreados. Porém, mesmo o Parque de Monte Pascoal não escapa à invasão de índios pataxós, induzidos a extrair de lá valiosos jacarandás, a mando de madeireiras. A Reserva Biológica do Una, a 550 km de Salvador, já teve 114 Km². Hoje, sobram-lhe 27,3 km². É ali que ainda vive o mico-leão de cara dourada, ameaçado portanto de extinção. As madeireiras avançam em ritmo frenético, derrubando um quilômetro quadrado de matas por dia. O Governo teve participação nisso, quando concedeu crédito ao produtor de cacau que erradicasse a mata.

O Espírito Santo perdeu 80% de sua cobertura vegetal nos últimos vinte anos. Desde 1965, passou a ser comum a substi-



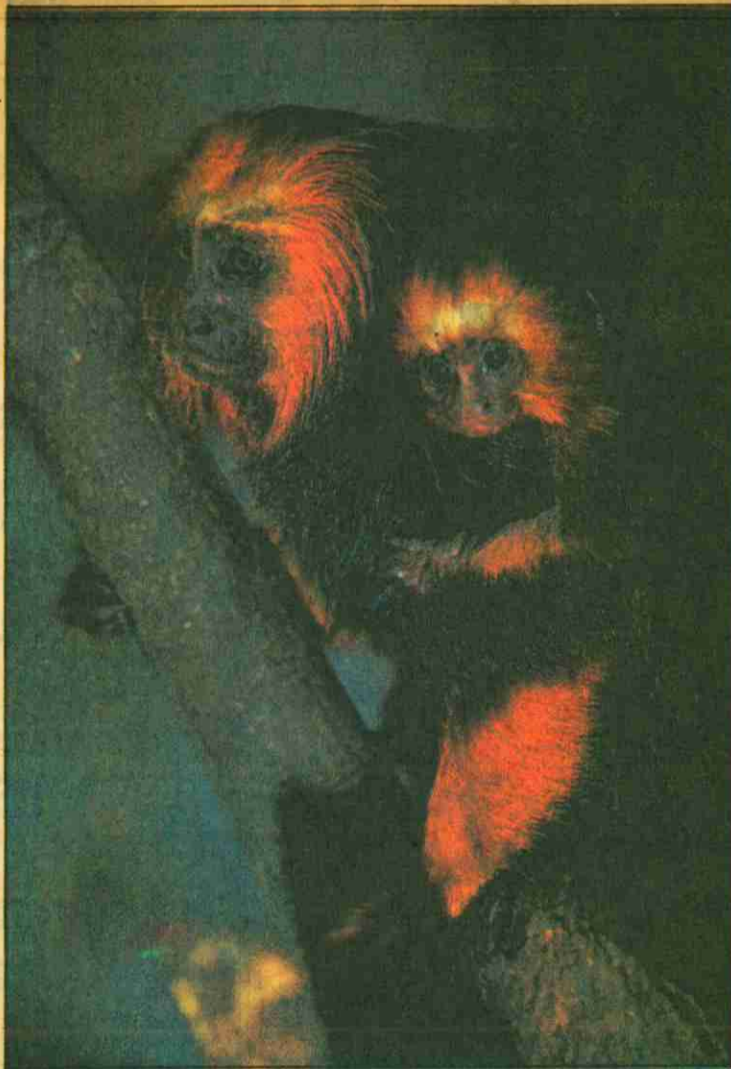
A lista dos animais ameaçados

Entre as árvores, o jacarandá e o pau-brasil já estão virando lembranças.

A crescente destruição das matas brasileiras eleva, a cada dia, o número de animais considerados oficialmente sob ameaça de extinção. Guariba, barbado, muriqui, guigó, sagui da serra, mico-leão de cara dourada e o preto, mais o sagui piranga, o bicho-preguiça de coleira, o ouriço preto, o rato do mató e o rato do mató laranja estão nessa lista. Entre as aves ameaçadas, a joá do sul, o macuco, mutum-cavalo, jacutinga, pararu, chuí, chorão, jurueba e tiriba. Entre as árvores, o jacarandá e o pau-brasil são espécies raríssimas, conservadas sob cercados em áreas protegidas.

Do que resta de nossa vegetação, os técnicos que elaboraram o Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica dividiram as áreas em remanescentes contínuos (90% da vegetação ininterrupta), remanescentes de alta densidade (de 90 a 70%), média densidade (árvores mais espalhadas, com muitas clareiras) e de baixa densidade (vegetação rala).

A preservação de áreas, segundo a legislação brasileira, estabelece áreas Naturais Tombadas (valor histórico, arqueológico, de uso restrito), de Proteção Ambiental (em defesa da vida silvestre e de recursos naturais), de Interesse Ecológico (inferiores a 50km²), de Proteção Especial (que equilibram o meio ambiente), Estações Ecológicas (em terras públicas), Reservas Biológicas, Reservas Florestais e Parques (abertos à visitação pertencentes ao poder público).



O pau-brasil é hoje uma raridade (acima). Dos animais que restam na Mata, o mico-leão de cara dourada ainda pode ser visto na Bahia. É, porém, uma das espécies sob ameaça de extinção.

A missão da Fundação SOS Mata Atlântica

Informar, disseminar a informação — seja de forma direta ou como intermediária de setores da sociedade civil — preocupada sempre com o nosso processo de educação. É esta a missão, o sentido profundo da existência da Fundação SOS Mata Atlântica. O Atlas dos Remanescentes do Domínio Mata Atlântica, feito sob a nossa coordenação junto com o Inpe e o Ibama, é mais uma demonstração clara e pública de que este compromisso está sendo respeitado. Com este trabalho, nós, da SOS Mata Atlântica, o Inpe e o Ibama pretendemos dar uma contribuição para resolver uma das maiores polêmicas sobre a conservação no Brasil: determinar quanto resta, como estão e onde estão as "matas" desta enorme região brasileira, que se prolonga do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul e avança para o interior do país em extensões variáveis. Nosso estudo abrangente 17 estados brasileiros e seu detalhamento futuro significará como subprodutos uma referência bá-

ca para qualquer tipo de zoneamento que vier a ser feito na região. Só isso justificaria nosso empenho neste projeto. Mas não é só. Este é o primeiro levantamento de fato das conseqüências de quase 500 anos de ação do homem branco sobre o conjunto de ecossistemas que formam a popularmente chamada Mata Atlântica. Em suas andanças por esta região, o naturalista Auguste de Saint Hilaire, entre outros comentários atônitos, dizia: "Em poucos anos um pequeno número de homens terão estragado uma imensa província, e poderão dizer: 'É uma terra acabada'. Então a necessidade imperiosa força-os-á a abandonar este sistema destruído; mas já não haverá conso-

lo para a lembrança das belas florestas cujas árvores preciosas, exploradas com critério, poderiam ser úteis a uma longa sucessão de gerações". Ele criticava o processo de ocupação selvagem, a preocupação imediatista. O futuro quase jogado fora. Temos a esperança de que este trabalho seja um marco de mudança de fato desta mentalidade centenária. Afinal, foi o elo de união de ambientalistas, cientistas e todos aqueles que, como o historiador Fernand Braudel, sabem que "para ser é preciso antes ter sido". Somos nós o futuro.

Rodrigo Lara Mesquita
Presidente da Fundação
SOS Mata Atlântica



Uma das páginas do Atlas: detalhes de densidade da vegetação em cada Estado. E uma descoberta: a Mata é mais larga do que se supunha.

jornal da tarde